

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ESTAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA DE PRAGAES-ALCARIA, PORTO DE MÓS.

ALMEIDA, Fernando de; FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1970 | Número: 80

Como citar este documento:

ALMEIDA, Fernando de; FERREIRA, O. da Veiga, Estação pré-histórica de Pragaes-Alcaria, Porto de Mós. *Revista de Guimarães*, 80 (3-4) Jul.-Dez. 1970, p. 257-262.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Estação pré-histórica de Pragaes- -Alcaria (Porto de Mós) ⁽¹⁾

Por D. FERNANDO DE ALMEIDA
e O. DA VEIGA FERREIRA

I — *Introdução*

No Museu Tavares Proença, em Castelo Branco, existe uma colecção de peças pré-históricas inéditas de grande importância, não só pelo seu aspecto, mas também pelo local donde provêm, porque os achados ali são pouco conhecidos.

Há uma indicação, junta ao espólio, que nos diz terem sido encontradas essas peças numa sepultura, mas, pela pátina das mesmas e, sobretudo, pelas concreções ferruginosas que apresentam nos parece mais terem vindo duma gruta da região que duma sepultura de tipo dolménico. É evidente que a indicação de sepultura é válida também para o enterramento em gruta.

II — *Inventário do material*

- 1 alabarda de sílex branco com a ponta trabalhada em leque;
- 1 alabarda de sílex amarelado do tipo «Casa da Moura» (Cesareda);
- 2 punhais de sílex do tipo «Casa da Moura» (Cesareda);
- 1 punhal de sílex branco com a ponta partida e de base côncava (aproveitado duma lâmina);

(1) Este trabalho foi apresentado ao último *Colóquio Portuense de Arqueologia*.

- 1 lâmina partida de sílex branco com retoques num dos bordos e com a base preparada com entalhes laterais para o encabamento;
- 7 lâminas antigas com pátina antiga do Paleolítico superior aproveitadas posteriormente;
- 1 lâmina de sílex aproveitada duma mais antiga;
- 1 lâmina de sílex amarelado com retoques alternos e longos;
- 24 lâminas de sílex de várias côres, com retoques;
- 19 lâminas de sílex sem retoques;
- 15 lâminas partidas ou fragmentadas incompletas, com retoques;
- 1 goiva de anfíbolito toda polida;
- 1 placa de xisto ardósiano gravada nas duas faces e com furo de suspensão;
- alguns fragmentos cerâmicos muito rudes;
- 1 pequeno núcleo de quartzo hialino;
- fragmentos de maxilares humanos; restos de crânios e ossos longos.

III — *Descrição do espólio*

Na descrição deste importante espólio começaremos pela estranha alabarda (Est., n.º 12). Tem a forma sub-triangular com a base trabalhada em pedúnculo largo e curto para facilitar o encabamento. Ambas as faces bem trabalhadas assim como a ponta que, ao contrário das alabardas conhecidas, é trabalhada em leque como as raspadeiras feitas no topo de lâmina encontradas no Paleolítico superior. É, sem dúvida, uma rara e bela peça de Museu. Comp. 149 mm; larg. máx. 72 mm; larg. na ponta 49 mm esp. 20 mm.

A outra alabarda é do tipo «Casa da Moura» (Cesareda) (2). É de sílex branco rosado com a ponta partida. Tem espigão de encabamento muito curto. É trabalhada nas duas faces por polimento e retocada

(2) Coleção do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal. J. F. Nery Delgado, «Notícia acerca das grutas da Cesareda, Lisboa, 1867.

nos dois bordos. Comp. 104 mm; larg. máx. 75 mm; esp. 6 mm.

Dos dois punhais completos, um o melhor e mais perfeito, está todo trabalhado desde a ponta à base. É de um dos tipos da classificação de V. Ferreira (3). Comp. 103 mm; larg. máx. 49 mm; Esp. 7 mm. (Est., n.º 4).

O punhal de base côncava poderá ser também uma ponta de lança. A sua técnica de trabalho lembra a das grandes pontas de seta de base côncava do Eneolítico pleno. Está partido na ponta. Comp. 66 mm; larg. 22 mm; esp. 5 mm. (Est., n.º 7).

O punhal com chanfros laterais para encabamento entra também numa das categorias da classificação de V. F. Falta-lhe a ponta. Comp. 72 mm; larg. 22 mm; esp. 6 mm.

De entre as peças que separamos como sendo aproveitadas pelos eneolíticos de instrumentos característicos do Paleolítico superior destacamos as seguintes:

lâmina de sílex com alguns retoques nos bordos e com a ponta retocada em furador. É uma bela peça perfeita e completa. Comp. 84 mm; larg. na base do furador 17 mm; esp. 6 mm. (Est., n.º 9).

lâmina larga retocada no bordo direito com retoques finos. Toda a ponta foi retocada em leque com a técnica empregada nas raspadeiras em extremidade de lâmina do Paleolítico superior. A peça tem a pátina ferruginosa das encontradas em níveis do Paleolítico tal como nas da Gruta das Salemas (4). Comp. 100 mm; larg. 29 mm; esp. 6 mm. (Est. I, n.º 6).

Das lâminas com esta pátina descreveremos a maior e a mais pequena:

(3) O. da Veiga Ferreira, «Tipos de punhal lítico da colecção do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal», *Revista de Guimarães*, vol. LXVII, Guimarães, 1957.

(4) J. Roche, J. Camarate França, O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski, «Le Paléolithique supérieur de la grotte de Salemas, (Ponte de Lousa)», *Com. Serv. Geol. de Portugal*, t. XLV, Lisboa, 1961.

Grande lâmina de secção trapezoidal de sílex branco acinzentado, retocada em ambos os bordos, na ponta e na base. Tem retoques na ponta e na base no reverso. Comp. 159 mm; larg. 37 mm; esp. 9 mm. (Est. I, n.º 13).

A lâmina mais pequena é espessa, de secção trapezoidal de sílex amarelado muito patinado. Está retocada em ambos os bordos e na ponta com retoques finos. A base está partida. Comp. 80 mm; larg. 29 mm; esp. 7 mm.

Lâmina de forma triangular de sílex castanho claro toda retocada na crista média com grandes lascas tiradas alternadamente. Esta lâmina deve ter feito parte de um primitivo núcleo donde se tiraram abundantes lâminas. Poder-se-ia classificá-la como lâmina-núcleo. É muito interessante e rara. Comp. 156 mm; larg. máx. 19 mm; esp. 11 mm. (Est., n.º 10).

De entre as 24 lâminas com retoques destacamos uma que apresenta um trabalho mais cuidado e evoluído. Trata-se de uma lâmina de sílex branco de secção triangular em que a ponta e o bordo esquerdo até mais de metade apresenta retoques longos e delicados dos empregados nas pontas de seta e alabardas planas. Comp. 107 mm; larg. máx. 25 mm; esp. 8 mm. (Est., n.º 1).

Goiva de xisto anfibólico toda polida desde o gume ao talão. É de secção cilíndrica e tem a forma de charuto. O gume é perfeito. O polimento é total e de grande perfeição e acabamento. A pátina é amarelada por alteração superficial da rocha. Tem paralelo esta peça com uma outra encontrada há anos no Alentejo e descrita por nós⁽⁵⁾. Esta última encontra-se no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal. Comp. 160 mm; diâm. máx. 17 mm; Comp. do chanfro da goiva 23 mm; Larg. da superfície do corte 8 mm. (Est. I, n.º 14).

(5) Abel Viana, R. Freire de Andrade, A. Serralheiro, O. da Veiga Ferreira e G. Zbyszewski, «Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo», *I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, Lisboa, 1959.

Placa de xisto ardosiano ornamentada nas duas faces com o mesmo motivo: faixas paralelas com triângulos de vértice para a base da placa. Os triângulos são ornamentados em xadrez. Caso raro: há um dos triângulos da fiada do meio, no lado esquerdo, que tem só traços num sentido. Esqueceram-se de fazer os outros para dar o cruzamento. Na face de reverso os triângulos sobem até o furo de suspensão, havendo quatro fiadas, enquanto que no anverso existem apenas três fiadas de triângulos. Comp. 123 mm; larg. máx. 80 mm; esp. 8 mm; diâmetro do furo de suspensão 7 mm. (Est., n.º 3).

IV — *Algumas considerações sobre o espólio e cronologia*

As circunstâncias do achado são-nos desconhecidas. Não sabemos se se trata duma sepultura vulgar ou dum enterramento em gruta. Também a falta de elementos de adorno nos deixa em más condições para aquilatar da idade real do conjunto. É claro que alguns dos elementos aqui apresentados podem dar indicações, como por exemplo, a placa de xisto que, pela ornamentação e tipo, pode pertencer a um Eneolítico médio, isto é, à Cultura dolménica portuguesa na sua fase intermédia. A alabarda retocada em leque e com pedúnculo é única em Portugal. As outras são do tipo «Casa da Moura» cujo conjunto pode ser colocado na Cultura Mista que, como já o dissemos, pertence ao Eneolítico pleno coevo da Cultura do Vaso campaniforme na Península de Lisboa na sua primeira fase de expansão⁽⁶⁾. A goiva é do mesmo tipo das encontradas nos monumentos megalíticos do Baixo Alentejo que pertencem a uma fase já adiantada da Cultura do Sudeste espanhol. Para essa cultura temos uma data de rádio-carbono 14 que anda à volta dos 2.000 anos a. C. (7). Por outro lado todos

(6) O. da Veiga Ferreira, «La culture du vase campaniforme au Portugal. *Mem. Serv. Geol. de Portugal*, n.º 12, Lisbonne, 1966.

(7) Vera Leisner e O. da Veiga Ferreira, «Primeiras datas de rádio-carbono 14 para a cultura megalítica portuguesa», *Revista de Guimarães*, vol. LXXIII, n.º 3-4, Guimarães, 1963.

os punhais datam do Eneolítico cujos tipos podem ser colocados dentro da classificação de V. Ferreira para os tipos de punhal lítico do Eneolítico português. As lâminas são bastante evoluídas, pois algumas apresentam fino trabalho de retoque que demonstram pertencer a uma época eneolítica bastante avançada. Da cerâmica nada se pode dizer. Poderá pertencer, pelos fragmentos estudados, a vasos hemisféricos de tipo domlénico?

Do exposto parece podermos afirmar que o conjunto arqueológico de Porto de Mós se pode colocar num Eneolítico médio, tendência para a fase final, com uma data que andarà à volta dos 2400 anos a. C.



As peças mais importantes da estação pré-histórica de Pragaes-
-Alcaria (Porto de Mós) (cerca de 1/3)